

Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA

Curso de Medicina

Alexandre Bento Vasconcelos

Isadora Arantes Araujo

Laís de Pádua Diniz

Michele Guimarães Campos

Rodrigo Elias Souza Pinto

**ANÁLISE DO USO DE MEDICAMENTOS E SUPLEMENTOS ESTIMULANTES,
PRESCRITOS E NÃO PRESCRITOS, POR ESTUDANTES EM UMA
UNIVERSIDADE PARTICULAR DA CIDADE DE ANÁPOLIS – GOIÁS**

Anápolis, Goiás

2024

Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA

Curso de Medicina

**ANÁLISE DO USO DE MEDICAMENTOS E SUPLEMENTOS ESTIMULANTES,
PRESCRITOS E NÃO PRESCRITOS, POR ESTUDANTES EM UMA
UNIVERSIDADE PARTICULAR DA CIDADE DE ANÁPOLIS – GOIÁS**

Trabalho de Curso apresentado à
Iniciação Científica do curso de Medicina
da Universidade Evangélica de Goiás -
UniEVANGÉLICA, sob orientação da
Prof. Dra. Cristiane Teixeira Vilhena
Bernardes.

Anápolis, Goiás

2024

**ENTREGA DA VERSÃO FINAL
DO TRABALHO DE CURSO
PARECER FAVORÁVEL DO ORIENTADOR**

À

Coordenação de Iniciação Científica

Faculdade da Medicina – UniEvangélica

Eu, Prof(ª) Orientador Cristiane Teixeira Vilhena Bernardes venho, respeitosamente, informar a essa Coordenação, que os(as) **acadêmicos(as)** Alexandre Bento Vasconcelos, Isadora Arantes Araujo, Laís de Pádua Diniz, Michele Guimarães Campos e Rodrigo Elias Souza Pinto estão com a versão final do trabalho intitulado "Análise do uso de medicamentos e suplementos estimulantes, prescritos e não prescritos, por estudantes em uma Universidade Particular da cidade de Anápolis-Goiás" pronta para ser entregue a esta coordenação.

Declara-se ciência quanto a publicação do referido trabalho, no Repositório Institucional da UniEVANGÉLICA.

Observações:

Anápolis, 12 de novembro de 2024.



Professor(a) Orientador(a)

RESUMO

O uso de medicamentos e suplementos estimulantes por acadêmicos das áreas da saúde, humanas e exatas, principalmente a automedicação, se tornou uma prática comum para aliviar sintomas de estresse físico e mental, isso sugere que o uso indevido de medicamentos por acadêmicos é um processo comum e requer atenção de profissionais e educadores. Entretanto, essa prática pode trazer consequências negativas, como vício, overdose e efeitos adversos aos medicamentos. Dessa forma, o objetivo central do trabalho foi verificar a utilização de medicamentos e suplementos estimulantes entre os estudantes de uma Universidade Particular de Anápolis – Goiás. Para isso, foi feito um estudo observacional, transversal e analítico por meio da aplicação de questionário aos alunos, de todos os períodos, dos cursos de Medicina, Odontologia, Direito, Psicologia, Engenharia de Software e Agronomia, sendo que a coleta de dados foi realizada através dos formulários online. Foi observado que entre as áreas a que mais se apresentou presente foi a da saúde, tanto nos não prescritos quanto nos prescritos, seguido pelas áreas de humanas e exatas. Já na análise das classes medicamentosas mais mencionadas, os analgésicos/anti-inflamatórios destacaram-se como os mais prevalentes. Além disso, a maioria dos entrevistados não utilizam suplementos estimulantes, sendo que a cafeína foi o mais prevalente.

Palavras-chave: Medicamentos. Automedicação. Estudantes. Goiás.

ABSTRACT

The use of medications and stimulating supplements by students in health, humanities, and exact sciences fields, especially self-medication, has become a common practice to alleviate symptoms of physical and mental stress. This suggests that the improper use of medications by academics is a common process and requires attention from professionals and educators. However, this practice can lead to negative consequences such as addiction, overdose, and adverse effects of medications. Thus, the central objective of the study was to assess the use of medications and stimulating supplements among students at a Private University in Anápolis, Goiás. For this purpose, an observational, cross-sectional, and analytical study was conducted through the application of questionnaires to students from all periods of the Medicine, Dentistry, Law, Psychology, Software Engineering, and Agronomy courses, with data collection carried out via online forms. It was observed that the health field was the most represented, both in the use of prescribed and non-prescribed medications, followed by the humanities and exact sciences fields. In the analysis of the most mentioned drug classes, analgesics/anti-inflammatories stood out as the most prevalent. Additionally, most respondents did not use stimulant supplements, with coffee being the most commonly consumed.

Keywords: Drugs. Self-medication. Students. Goiás.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	7
2.REVISÃO DE LITERATURA	9
2.1. Qualidade de vida dos universitários	9
2.2. Prática da automedicação e seus efeitos	10
2.3. Medicamentos relaxantes musculares, analgésicos e anti-inflamatórios	11
2.4. Fármacos como antidepressivos, ansiolíticos e hipnóticos	12
2.5. Fármacos e suplementos estimulantes.....	13
3.OBJETIVOS	15
3.1. Objetivo geral	15
3.2. Objetivos específicos	15
4.METODOLOGIA	16
4.1. Tipo de estudo e o local do estudo	16
4.2. População e amostra do estudo	16
4.3. Critérios de inclusão e exclusão	16
4.4. Coleta de dados	17
4.5. Aspectos éticos	17
4.6. Análise de dados.....	17
5.RESULTADOS	18
6.DISSCUSSÃO	22
7.CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
ANEXOS	30
APÊNDICES	33

1. INTRODUÇÃO

Estudantes universitários estão frequentemente expostos às atividades acadêmicas difíceis e estressantes, as quais podem impactar negativamente na sua qualidade de vida. O uso de medicamentos e suplementos estimulantes por acadêmicos das áreas da saúde, humanas e exatas, principalmente a automedicação, se tornou uma prática comum para aliviar sintomas de estresse físico e mental (ARAÚJO *et al.*, 2021). Entretanto, essa prática pode trazer consequências negativas, como vício, overdose e efeitos adversos aos medicamentos. Além disso, o uso inadequado dessas substâncias pode ter um impacto negativo na performance acadêmica e no bem-estar dos estudantes (OLIVEIRA; GUIMARÃES NETO, 2024). Dessa forma, é essencial investigar a prevalência e os principais medicamentos usados pelos acadêmicos das três áreas do conhecimento e identificá-los.

Em geral, os estudantes universitários das áreas da saúde usam mais medicamentos que os demais e, nesses cursos, há uma alta prevalência da prática da automedicação, sendo que as classes de drogas mais utilizadas são analgésicas e anti-inflamatórias. Além disso, o uso de ansiolíticos e de antidepressivos é mais comum em alunos com altos níveis de estresse e ansiedade. Esses achados sugerem que o uso indevido de medicamentos por acadêmicos é um processo comum e requer atenção de profissionais e educadores (GAMA; SECOLI, 2017).

A prática da automedicação pode gerar graves consequências para a saúde dos estudantes. O mau uso de analgésicos e anti-inflamatórios está relacionado com reações adversas, como sangramento gastrointestinal e problemas renais. O uso de ansiolíticos e antidepressivos, sem acompanhamento médico profissional, pode levar ao vício, sintomas de abstinência e até o pensamento suicida (BEHZADIFAR *et al.*, 2020). Esses riscos alarmantes necessitam de intervenções a fim de promover um uso de medicamentos de forma responsável e aumentar o conhecimento da população acerca dos efeitos adversos dos fármacos.

Os suplementos estimulantes também são substâncias com uma alta prevalência de uso por estudantes universitários, independentemente do curso. A cafeína ainda é a droga mais utilizada, principalmente na forma de pó de guaraná, além de bebidas energéticas. Os motivos para esse uso, geralmente estão na busca por redução do sono e a melhora da produtividade e atenção, em busca de aumento da performance acadêmica (BATISTA *et al.*, 2022). Contudo, efeitos como taquicardia, câimbras e desidratação podem estar associados, além de uma possível dependência química em relação a esses suplementos, o que torna essa situação uma questão a ser discutida mais amplamente, com o intuito de melhorar o conhecimento acadêmico sobre o uso indiscriminado de suplementos estimulantes (MORGAN *et al.*, 2017).

Outro ponto a ser discutido é o uso de fármacos psicoestimulantes por estudantes da área da saúde para melhorar sua performance acadêmica. Foi realizada uma pesquisa que evidenciou a alta prevalência do uso de medicamentos psicoestimulantes, como metilfenidato e modafinil, entre os estudantes, com o intuito de aumentar sua concentração e alerta (BARBOSA *et al.*, 2021). Todavia, os efeitos a longo prazo desses fármacos, nas funções cognitivas e mentais, ainda não estão totalmente esclarecidos, o que torna o uso irresponsável e, sem prescrição médica, contraindicado e altamente perigoso (SANTANA *et al.*, 2020).

Diante do exposto, considerando os potenciais riscos associados ao uso de medicamentos e suplementos estimulantes por estudantes das três áreas de conhecimento, é fundamental destacar esse problema no contexto acadêmico para que ele possa ser resolvido. A promoção do uso responsável de medicamentos, o fornecimento de suporte à saúde mental e a implementação de programas educacionais podem auxiliar na prevenção do uso inadequado de medicamentos e na melhoria da qualidade de vida dos estudantes.

Dessa forma, evidencia-se a relevância deste estudo, uma vez que as literaturas consultadas abordam, de maneira significativa, apenas a prática da automedicação entre os estudantes. No entanto, observa-se uma lacuna na literatura de estudos que comparem o uso de medicamentos prescritos e não prescritos entre as três áreas do conhecimento e que analisem a utilização de suplementos entre os acadêmicos.

Portanto, esse trabalho tem como objetivo principal verificar a utilização de medicamentos e suplementos estimulantes, prescritos e não prescritos, entre estudantes de uma Universidade Particular de Anápolis - Goiás.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Qualidade de vida dos universitários

A graduação acadêmica é compreendida como um período de transição do ensino médio para o ensino superior, no qual os estudantes universitários assumem maior responsabilidade sobre a própria vida, dessa forma essa transição acarreta uma maior vulnerabilidade e suscetibilidade a comportamentos físicos e psicológicos de alto risco, os quais podem apresentar um impacto negativo na qualidade de vida dos acadêmicos (ARBUÉS *et al.*, 2022). Posto isso, tal lógica converge com a literatura que afirma que o ingresso na universidade é marcado por jornadas extensas e cansativas, o que, por sua vez, desencadeia estresse, irritação, desmotivação e queda de produtividade (CARDOSO *et al.*, 2019). Ademais, a literatura aponta que a fase acadêmica é caracterizada por desafios, modificações do estilo de vida, mudanças no padrão de sono, novos hábitos alimentares e adoção da prática de automedicação, os quais afetam a qualidade de vida do estudante (MATIAS *et al.*, 2021).

A fase da graduação coincide com elevada prevalência de transtornos mentais entre os universitários, principalmente na área da saúde, dentre eles, destacam-se a depressão, a ansiedade e o estresse (FREITAS *et al.*, 2022). À vista disso, esse mesmo raciocínio assemelha-se ao encontrado na literatura, a qual afirma que a ansiedade e a depressão são queixas comuns entre acadêmicos universitários causando um impacto negativo no desempenho dos alunos e aumentando a vulnerabilidade a novos transtornos psicológicos (GHROUZ *et al.*, 2019).

Em relação a qualidade de vida (QV) dos estudantes universitários, notou-se baixa percepção no domínio psicológico, revelando que mais da metade dos estudantes analisados apresentaram sintomas com intensidades variáveis, sendo ansiedade 53,6%, depressão 56,1% e estresse 65,7% os transtornos mais encontrados nessa população, demonstrando indícios de piora progressiva da saúde mental desses estudantes (FREITAS *et al.*, 2022). Outrossim, observou-se que 40% do total dos participantes da área de saúde analisados apresentou como ruim a autopercepção da QV, sendo 22,3% do curso de medicina (MATIAS *et al.*, 2021).

Nota-se uma correlação entre a qualidade de sono e a QV, dessa forma, acadêmicos universitários apresentaram má qualidade de sono em virtude do uso de psicoestimulantes, cafeína, energéticos e uso excessivo de telas, sendo relacionado ao aumento do estresse, da alteração de humor e da redução do desempenho na universidade (ARBUÉS *et al.*, 2022). Tal lógica conflui com estudos prévios, que afirmam a relação entre distúrbios de sono e qualidade de vida ruim, visto que, 49,8% dos estudantes da área de saúde analisados relataram insatisfação associada ao sono, sendo que 28,8% utilizavam múltiplos medicamentos. Isso pode ser

explicado, uma vez que o sono é essencial no reparo biológico e mental, diante disso, distúrbios no sono apresentam impactos negativos na saúde física, mental e comportamental do indivíduo, o que nos universitários está relacionado ao estilo de vida, devido à excessiva carga horária, à pressão por resultados positivos e ao estresse (MATIAS *et al.*, 2021).

2.2. Prática da automedicação e seus efeitos

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 1998) define como automedicação o uso de medicamentos para tratar sintomas ou doenças auto reconhecidas pelo indivíduo. No entanto, mesmo que os medicamentos utilizados sejam de venda livre, ainda apresentam riscos à saúde como iatrogenia, dosagem excessiva, reações de hipersensibilidade e dependência medicamentosa, que podem agravar o quadro clínico da doença (SOUZA; HOELLER; GOETZ, 2015). Além disso, nota-se que nenhum medicamento é inofensivo ao organismo, dessa forma o uso inadequado de antimicrobianos, analgésicos e anti-inflamatórios podem causar resistência bacteriana e hemorragias digestivas (TREVISOL *et al.*, 2011).

A automedicação é favorecida devido à facilidade de adquirir medicamentos sem prescrição, ao compartilhamento de medicamentos com outros indivíduos do círculo familiar e social, à reutilização de receitas antigas e à transgressão da recomendação profissional, seja aumentando, seja diminuindo a dosagem ou alterando o tempo de uso do medicamento prescrito (LOYOLA FILHO, 2002). Tal facilidade converge com o exposto pela Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas, a qual afirma que, aproximadamente, 80 milhões de pessoas praticam a automedicação, sendo que 20 mil brasileiros morrem por ano em virtude dessa prática (ALVES; MALAFAIA, 2014).

Ao que tange a prática da automedicação entre universitários, 78% dos alunos entrevistados realizaram a automedicação, sendo a prevalência de 39,6% de estudantes da área de saúde e 38,5% estudantes da área de humanas (CRUZ *et al.*, 2019). Essa lógica é ainda abordada no estudo elaborado por Alves; Malafaia (2014), o qual apresentou que 68,3% dos estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás afirmaram fazer o uso de medicamentos sem prescrição médica. Já o estudo desenvolvido por Lopes, *et al.* (2014) obteve dados maiores, afirmando que dos acadêmicos entrevistados 91,4% praticavam a automedicação.

É válido destacar que as classes terapêuticas mais utilizadas foram de analgésicos, anti-inflamatórios, antibióticos e medicamentos para resfriados, sendo que as queixas que motivaram a automedicação foram dores de cabeça, resfriados, febre e infecção de garganta

(LOPES *et al.*, 2014). À vista disso, tal fato conflui com a literatura que destaca analgésicos, antipiréticos, anti-inflamatórios e antibióticos como as medicações mais utilizadas, sendo os principais sintomas dor de cabeça, resfriado, dor de garganta e febre (ALVES; MALAFAIA 2014).

Notou-se que as principais classes utilizadas na automedicação, foram de antipiréticos, analgésicos, relaxantes musculares e anti-histamínicos, e os motivos que levaram a automedicação confluíram com os estudos já mencionados (CRUZ *et al.*, 2019). Isso pode ser explicado, visto que esses medicamentos apresentam venda livre, fácil acesso nas farmácias e deflagram um falso pensamento que são inofensivos para a saúde (DUTRA *et al.*, 2019).

Ao relacionar a automedicação com os níveis de estresse, 71,1% dos estudantes dos cursos de direito, medicina, pedagogia e engenharia civil consideravam seu curso estressante, podendo levar ao uso de medicação sem prescrição. Além disso, esse estudo afirmou que 44% dos estudantes analisados afirmaram utilizar medicamentos como auxílio nos estudos, dentre as classes mais utilizadas destacam-se vitaminas, tranquilizantes, antidepressivos, ansiolíticos e reguladores do sono (SOUZA; HOELLER; GOETZ, 2015). Nesse sentido, percebe-se que indivíduos que mostram níveis elevados de exaustão possuem o dobro de risco de praticarem a automedicação (RANK *et al.*, 2020).

É válido destacar que ao analisar a automedicação entre os cursos de saúde (medicina) e humanas (direito), o curso de medicina apresentou 12% a mais de estudantes praticando a automedicação, isso foi associado ao maior conhecimento ou segurança dos acadêmicos de medicina de utilizarem os medicamentos indicados (TREVISOL *et al.*, 2011). Tal lógica coincide com a literatura, a qual relata que estudantes da área de saúde utilizam mais medicações sem prescrição do que os da área de humanas, em virtude do maior conhecimento e maior acesso aos medicamentos (CRUZ *et al.*, 2019). Ademais, a automedicação no curso da saúde apresentou-se maior (80,4%) quando comparado a outros cursos (79,7%), sendo que o curso de medicina apresentou a maior prevalência (91,7%), isso pode estar relacionado a autoconfiança com os conhecimentos aprendidos no curso por (LIMA *et al.*, 2022).

2.3. Medicamentos relaxantes musculares, analgésicos e anti-inflamatórios

A dor foi definida, pela Associação Internacional para Estudos da Dor (IASP, 2020), como “uma experiência sensitiva e emocional desagradável associada a uma lesão tecidual real ou potencial, ou descrita nos termos de tal lesão” sendo adotada pelo Conselho da IASP em 1979. Tal definição foi amplamente aceita pelos profissionais da saúde e

pesquisadores da área da dor e adotada por diversas organizações profissionais, governamentais e não-governamentais, incluindo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Na tentativa de melhorar essa dor, a automedicação com analgésicos, anti-inflamatórios e relaxantes musculares, muitas vezes, se tornam a solução para a maior parte dos estudantes.

Em relação a prevalência da utilização de analgésicos, dos 223 estudantes analisados, 56 utilizam esse tipo de medicamento para o alívio da dor. Além disso, nesse mesmo estudo, foi apresentado que a automedicação teve prevalência no grupo feminino, somando um total de 137 mulheres (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010). Este artigo entra em concordância com a literatura, que teve um total de 189 mulheres em um grupo de 253 entrevistados sobre o uso de medicamentos não prescritos (WILÍNSKI *et al.*, 2015).

De acordo com a avaliação a respeito do motivo da utilização dos analgésicos, tivemos que a cefaleia como o principal motivo para a automedicação, sendo que mais de 25% dos alunos usavam essa classe de medicamentos devido às dores de cabeça (ZEWDIE; ANDARGIE; KASSAHUN, 2020; SHRESTHA; KUSHWAHA; TIWARI, 2021).

Também foi possível observar que a automedicação é mais comum em estudantes da área da saúde, sendo que o principal curso é Medicina, e que os medicamentos mais utilizados são os analgésicos e relaxantes musculares. Trouxeram como justificativa o fato de os alunos da saúde terem um maior acesso às informações sobre fármacos, influenciando assim em sua maior utilização sem prescrições e acompanhamentos médicos.

2.4. Fármacos como antidepressivos, ansiolíticos e hipnóticos

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), a ansiedade e a depressão são as doenças que mais acometem a população atualmente. Nesse sentido, a busca pelo consumo de substâncias psicoativas (SPA) lícitas ou ilícitas, destacando o uso de fármacos ansiolíticos, antidepressivos e hipnóticos, está expandindo, sobretudo, entre os estudantes universitários por causa do seu atual estilo de vida, marcado pelo estresse constante (COSTA *et al.*, 2020; SANTOS JÚNIOR *et al.*, 2022).

A classe de ansiolítico mais utilizado é dos benzodiazepínicos (BZD), que são indicados clinicamente em casos de ansiedade e insônia, em um período de, no máximo, 7 (sete) anos. Entretanto, esse medicamento, altamente demandado no mercado, tem sido, muitas vezes, utilizado de forma errônea, seja por causa da ausência de uma consulta prévia com um médico especialista, seja pela automedicação após a primeira prescrição (RIVERA *et al.*, 2021).

Além da auto prescrição, muitos são os casos de abuso na utilização dos BZD: consumo em altas doses por um período maior que o clinicamente previsto, o que acarreta efeitos tóxicos nos pacientes, problemas de tolerância, dependência física e/ou psicológica e crises de abstinência na retirada do fármaco. Os principais efeitos tóxicos gerados são: declínio da função cognitiva, alterações psicomotoras, perda da memória, diminuição da capacidade de julgamento e agitação. Em relação à abstinência, o paciente pode sofrer sintomas como insônia, alterações gástricas, tremores, medo, espasmos musculares e até mesmo, em quadros mais graves, cometer suicídio (RIVERA *et al.*, 2021; ALVES; FREITAS; MACHADO, 2022).

Cumprido destacar que os antidepressivos são usados com o intuito de diminuir, ou até mesmo de cessar, o sentimento de tristeza e de sofrimento no paciente, o qual, por sua vez, tem influência direta no âmbito familiar e na vida social dos indivíduos diagnosticados com tais doenças, podendo levar, inclusive, a perda do seu desejo de viver e, conseqüentemente, até mesmo ao suicídio (NERI; TESTON; ARAÚJO, 2020).

Em relação aos efeitos causados pelo antidepressivo no paciente, os mais graves são aqueles decorrentes da interrupção abrupta do seu uso, a qual resulta no surgimento de sintomas somáticos e psicológicos com breve duração, como perturbações gastrointestinais, insônia, ataques de pânico, delírio, arritmias cardíacas, agitação, agressividade, deterioração cognitiva e outros. Tais sintomas, vale mencionar, devem ser controlados com a reintrodução do medicamento, seguida de uma suspensão gradual, acompanhada pelo médico especialista (CASTEL; PIRES; CALIL, 2020).

Portanto, para aqueles que sofrem de ansiedade e insônia, é necessária a busca de um profissional especializado para que seja feita a devida prescrição, com uma abordagem clara, durante a consulta, sobre os benefícios e malefícios do uso dos antidepressivos, ansiolíticos e hipnóticos e a sua utilização adequada em relação à dose e ao período de uso (ALVES; FREITAS; MACHADO, 2022).

2.5. Fármacos e suplementos estimulantes

Os medicamentos psicoestimulantes são substâncias que atuam no sistema nervoso central (SNC) e produzem efeitos sobre a neurotransmissão simpática. Esses efeitos podem ser: o aumento da produtividade e do estado de vigília, a alteração no humor, a formação de propriedades antidepressivas e até a melhora cognitiva. Já as principais substâncias utilizadas são as bebidas energéticas, a cafeína, a ritalina (metilfenidato) e o venvanse (modafinil) (MORGAN *et al.*, 2017).

Em decorrência dos efeitos desses agentes psicoestimulantes, e em função ao estilo de vida destes indivíduos, é possível observar que a automedicação desse tipo de substância por estudantes universitários é bastante comum. Isso pois, o conhecimento científico associado à experiência de vida do indivíduo, conforme já mencionado, leva a uma sensação de confiança para realizar tal prática (CANDIDO *et al.*, 2021).

Os estudos demonstram uma prevalência de mais de 50% do uso dessas substâncias por estudantes, sobretudo, com o início durante o período da faculdade e, algumas vezes, inclusive, com utilização simultânea de mais de um tipo de psicoestimulante. O grande problema é que o uso indevido e irracional dessas substâncias pode levar a uma dependência química e até a efeitos colaterais (mais comuns nas bebidas energéticas), como câimbras, insuficiência renal e hepática, dependência, taquicardia, desidratação e agitação excessiva. Não obstante a existência comprovada de tais riscos, os usuários, em sua maioria, afirmam terem um conhecimento razoável acerca desses psicoestimulantes e fazerem a utilização diária deles (CANDIDO *et al.*, 2021).

Ainda nesse sentido, os principais motivos alegados por universitários para o uso dessas substâncias é a redução do sono e a melhora da atenção e do raciocínio, efeitos que potencializam as atividades curriculares. Nos cursos da saúde, dentre eles medicina, biomedicina, enfermagem e farmácia, a cafeína é a droga mais utilizada, principalmente, na forma de pó de guaraná. Já em relação aos cursos de exatas e humanas, o uso de metilfenidato é mais comum. Dessa forma, é evidente a necessidade de um maior conhecimento acerca dos efeitos desses psicoestimulantes, a fim de evitar danos maiores a saúde dos estudantes universitários (MORGAN *et al.*, 2017).

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

Verificar a utilização de medicamentos e suplementos estimulantes, prescritos e não prescritos, entre os estudantes de uma Universidade Particular de Anápolis – Goiás.

3.2. Objetivos específicos

- Identificar as classes medicamentosas mais utilizadas entre os estudantes;
- Comparar as classes medicamentosas mais utilizadas pelos estudantes das áreas de saúde, humanas e exatas;
- Avaliar e comparar a prevalência da automedicação entre os universitários de cada área;
- Avaliar a utilização de medicamentos ansiolíticos, sedativos e antidepressivos entre estudantes;
- Avaliar a utilização de suplementos alimentares com efeito estimulante entre os estudantes.

4. METODOLOGIA

4.1. Tipo de estudo e o local do estudo

Trata-se de um estudo observacional, transversal e analítico, baseado em questionários respondidos pela população estudada, composto de perguntas para a análise e determinação da prevalência da utilização de medicamentos e suplementos estimulantes, prescritos e não prescritos, entre os estudantes das 3 áreas do conhecimento, saúde, humanas e exatas da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA) no Campus de Anápolis.

4.2. População e amostra do estudo

A população avaliada no estudo foi composta por estudantes das áreas de exatas, humanas e saúde, e para seleção amostral foram selecionados dois cursos de cada área, tendo como critério de seleção os cursos com o maior número de estudantes. Portanto, a população a analisada foi de 3.983 alunos, composta pelos alunos matriculados, na área da saúde (1.367 alunos), representados pelos cursos de Medicina (793 alunos) e Odontologia (574 alunos); na área de humanas (1.843 alunos), sendo Direito (1.133 alunos) e Psicologia (710 alunos), e por último pela área de exatas (773 alunos) com os cursos de Engenharia de Software (470 alunos) e Agronomia (303 alunos).

Para análise, foi realizado o cálculo amostral no software G*Power (versão 3.1), considerando o teste estatístico qui-quadrado (variável categórica com 10 categorias), tamanho de efeito (w) de 0,3, poder amostral de 95%, nível de significância de 5% somando-se a 20% de perdas, sendo necessário 455 participantes (n amostral), o qual representa 11% da população total, baseada em regra de três. Dessa forma, foram retirados 11% do n total da área da saúde, que corresponde a 155 alunos, da área de humanas, que corresponde a 210 alunos e da área de exatas, que corresponde a 90 alunos.

4.3. Critérios de inclusão e exclusão

Como critério de inclusão, foram analisados apenas os formulários respondidos por alunos dos cursos de Medicina, Odontologia, Direito, Psicologia, Engenharia de Software e Agronomia, que frequentam os turnos matutino, noturno ou integral e que assinarem o TCLE. Como critérios de exclusão, os questionários respondidos de forma incompleta e por participantes menores de 18 anos, foram excluídos do estudo no momento da análise.

4.4. Coleta de dados

A coleta de dados para o estudo foi realizada por meio da aplicação de um formulário on-line (https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe-6z2dhVQj7mlOEf3oS-P-Zz1rOoyYILtd-9dr-9oCzRizLw/viewform?usp=sf_link), que avaliou dados sociodemográficos, curso, período, utilização de medicamentos nos últimos seis meses sem receita, automedicação, efeitos colaterais e suplementos. O formulário foi baseado em questionários presentes nos estudos de Servidoni *et al.* (2006); Peixoto, (2008); Fontes, (2019), sendo utilizada como ferramenta a plataforma “Google Forms”. O questionário e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram fornecidos aos participantes mediante ao escaneamento do QR Code (Quick Response Code) que foi impresso e disponibilizado aos discentes nos corredores da faculdade pelos pesquisadores. Caso haja indisponibilidade de acesso ao questionário e ao TCLE online, foram disponibilizadas cópias impressas.

4.5. Aspectos éticos

O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Evangélica de Goiás - UniEvangélica, por meio do ofício número 6.682.271, presente no anexo e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 75479023.0.0000.5076, presente no anexo. Todos os entrevistados concordaram em participar do estudo.

4.6. Análise de dados

Os dados foram descritos como frequências e porcentagens. Para associar e comparar as prevalências foi utilizado o teste estatístico Qui-quadrado e quando necessário a correção de Likelihood ratio. Foi considerado o $p < 0,05$ sendo ele significativo. Os dados foram analisados no software Statistical Package for Social Science for Windows (SPSS, IMB, versão 24, Armonk, NY). Ademais, para evitar vieses de aferição, houve uma reunião entre os autores com o objetivo de padronizar a aplicação do questionário na coleta de dados.

5. RESULTADOS

Este estudo analisou os padrões de uso de medicamentos entre estudantes universitários, considerando variáveis demográficas e acadêmicas em relação à faixa etária, gênero, estado civil, curso e seu período acadêmico. Foram então coletados um total de 454 participantes, sendo que dentre essa amostra, o público masculino obteve destaque, representando 56,2% do total. Em relação a idade dos participantes a amostra foi composta por estudantes maiores de 18 anos, e foi possível observar uma maior prevalência da faixa etária de 18 a 21 anos compondo 70,5% da amostra.

Durante a análise, além de avaliar os dados sobre a idade e sexo dos participantes, também verificou-se o estado civil, de forma que se obteve uma predominância marcante de solteiros, representando expressivos 95,6% da amostra, seguidos pelos casados, que compuseram 3,7% do total (Tabela 1).

Tabela 1 – Caracterização da amostra de acordo com os dados sociodemográficos

Variáveis	Frequência (n=454)	Porcentagem (%)
Sexo		
Feminino	198	43,6
Masculino	255	56,2
Sem identificação	1	0,2
Idade		
18-21 anos	320	70,5
22-25 anos	111	24,4
26-29 anos	16	3,5
30-33 anos	4	0,9
>34 anos	3	0,7
Estado Civil		
Casado	17	3,7
Divorciado	2	0,4
Solteiro	434	95,6
Viúvo	1	0,2
Turno		

Integral	148	32,6
Matutino	50	11,0
Noturno	256	56,4
Curso		
Agronomia	23	5,1
Direito	149	32,8
Engenharia de Software	67	14,8
Medicina	133	29,3
Odontologia	21	4,6
Psicologia	61	13,4

Fonte: Autoria própria, 2024

Este estudo investigou o padrão de utilização de medicamentos entre estudantes. Os resultados apresentados na tabela 2 demonstraram que analgésicos e anti-inflamatórios se destacaram como as classes mais utilizadas (39,0%) pelos participantes. Em seguida, destacam-se os anti-histamínicos (7,3%) e os antigripais (5,1%). Vale ressaltar que o “n” apresentado na tabela se refere a quantidade de medicamentos utilizados no total, sendo considerados mais de uma classe por participante. Assim, o número total ultrapassa a quantidade da população estudada (n=454).

Tabela 2 – Classes medicamentosas mais utilizadas entre os estudantes

Classes Medicamentosas	Frequência (n=462)	Porcentagem (%)
Analgésico/Anti-inflamatório	303	39,0
Antigripais	40	5,1
Anti-histamínicos	57	7,3
Antimicrobianos	28	3,6
Psicoestimulantes	34	4,4

Fonte: Autoria própria, 2024.

Em relação aos resultados encontrados na comparação do uso de medicamentos entre as áreas universitárias, evidenciou-se que, majoritariamente, a área da saúde possui a maior porcentagem de utilização de medicamentos. A principal classe foi a dos

analgésicos/anti-inflamatórios, que se mostrou a mais mencionada nas três áreas do conhecimento, com 38% dos entrevistados. As outras classes mais mencionadas foram os anti-histamínicos e antigripais, com 7,5% e 5% dos participantes, respectivamente.

No que diz respeito às áreas, a que possui a maior utilização da maioria dos medicamentos é a da saúde, com exceção da classe dos anti-histamínicos, em que a área de exatas possui a maior porcentagem com 12,9 %.

Levando em consideração o uso de medicamentos ansiolíticos/sedativos, psicoestimulantes e antidepressivos/estabilizadores do humor foi observado que essas três classes de medicamentos analisadas foram citadas com maior frequência por estudantes da área de saúde quando comparado com as outras áreas do conhecimento. Sendo assim, evidenciou-se que 60% do uso de ansiolíticos, 73% do uso de psicoestimulantes e 85% do uso de antidepressivos é feito pelos estudantes dos cursos de medicina e odontologia. (Tabela 3).

Tabela 3 – Áreas e as classes medicamentosas mais utilizadas.

Classes Medicamentosas:	Áreas do Conhecimento:				Valor de p
	Saúde	Humanas	Exatas	Total	
	(n=317)	(n=307)	(n=139)	(n=763)	
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	
Analgésicos/Anti-inflamatórios	126 (39,7)	121 (39,4)	50 (36,0)	297 (38,9)	
Ansiolíticos/Sedativos	14 (4,4)	8 (2,6)	1 (0,7)	23 (3,0)	
Antidepressivos/Estabilizadores de humor	12 (3,8)	2 (0,7)	0 (0,0)	14 (1,8)	
Antigripais	13 (4,1)	17 (5,5)	8 (5,8)	38 (5,0)	
Anti-histamínicos	26 (8,2)	13 (4,2)	18 (12,9)	57 (7,5)	<0,001*
Antimicrobianos	13 (4,1)	13 (4,2)	2 (1,4)	28 (3,7)	
Antipsicóticos	2 (0,6)	2 (0,7)	0 (0,0)	4 (0,5)	
Outros	8 (2,5)	9 (2,9)	3 (2,2)	20 (2,6)	
Probióticos/Suplementos	10 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	10 (1,3)	
Psicoestimulantes	25 (7,9)	8 (2,6)	1 (0,7)	34 (4,5)	

Outros: anticoncepcional, antiflatulante, antiplaquetário, beta bloqueador, descongestionante, inibidor de bomba de prótons, retinóide.

Teste Qui-quadrado de Pearson ($X^2=76,887$), $p<0,001$.

* valor de p significativo para todas as classes medicamentosas.

Fonte: A autoria própria, 2024.

A análise da amostra coletada evidenciou que o uso de medicamentos sem prescrição foi proporcionalmente maior na área da saúde em comparação com outras áreas, representando 74,7% do total (Tabela 4).

Tabela 4 – Frequência da automedicação entre as áreas.

Áreas	Frequência (n=454)	Porcentagem (%)	Valor de p
Exatas	53	58,9	0,013*
Humanas	130	61,9	
Saúde	115	74,7	

Teste Qui-quadrado de Pearson ($X^2=8,692$), $p=0,013$.

* valor de p significativo para todas as áreas.

Fonte: A autoria própria, 2024.

Os suplementos alimentares, com efeito estimulante, pesquisados foram a cafeína, as bebidas energéticas, o pó de guaraná e os complexos vitamínicos. Em relação ao uso destes suplementos, foi verificado que a maioria dos alunos entrevistados não faz utilização de nenhum suplemento. Dentre os alunos que utilizam suplementação estimulante, destaca-se a cafeína como o suplemento mais usado com uma porcentagem de 11,5%, seguida pelas bebidas energéticas com 9,9% e pelos complexos vitamínicos com 6,2%. O pó de guaraná foi a substância menos citada, com uma porcentagem de 2,4% dos entrevistados (Tabela 5).

Tabela 5 - Utilização de suplementos alimentares estimulantes e sua frequência

Suplementos	Sim n (%)	Não n (%)
Cafeína	52 (11,5)	402 (88,6)
Complexo vitamínico	28 (6,2)	426 (93,9)
Energético	45 (9,9)	409 (90,1)
Pó de guaraná	11 (2,4)	443 (97,6)

Fonte: A autoria própria, 2024.

6. DISCUSSÃO

Os principais dados obtidos neste estudo revelaram que a área da saúde, composta por estudantes de medicina e odontologia, apresentaram, proporcionalmente, a maior adesão ao uso tanto de medicamentos prescritos quanto não prescritos. Já a área de humanas destacou-se em segundo lugar. E os analgésicos foram identificados como a classe de medicamentos com maior prevalência.

Os resultados deste estudo reforçam as descobertas de pesquisas anteriores, destacando que o curso de Medicina, dentro da grande área da saúde, foi aquele que apresentou a maior prevalência no uso de medicamentos, englobando tanto os prescritos quanto os não prescritos. Essa constatação suscita reflexões sobre os fatores subjacentes a esse comportamento prevalente. Um estudo prévio aponta que o ingresso na universidade é marcado por jornadas extensas e desgastantes, que frequentemente resultam em estresse, irritação, desmotivação e redução da produtividade (CARDOSO *et al.*, 2019). Nesse contexto, o uso de medicamentos pode ser percebido como uma estratégia para lidar com os desafios acadêmicos e emocionais enfrentados pelos estudantes de Medicina.

Além disso, outros fatores que contribuem para a alta prevalência do uso de medicamentos nos alunos matriculados na área da saúde foram mencionados em resultados. Estudos destacam uma maior incidência de transtornos mentais nessa população, com destaque para a depressão, ansiedade e estresse (FREITAS *et al.*, 2022). Esses relatos de problemas de saúde mental são frequentemente associados às exigências acadêmicas, ao ambiente competitivo e à carga de trabalho intensa característica da área. Como resultado, os estudantes acabam recorrendo ao uso de medicamentos como uma forma de aliviar esses sintomas e lidar com os desafios emocionais enfrentados durante a jornada acadêmica.

Além disso, estudos anteriores também apontam que, na área da Saúde, um dos principais fatores para o maior uso de medicamentos está relacionado ao grande acesso dos estudantes às informações farmacológicas. Esse conhecimento, por sua vez, lhes confere a sensação de maior autonomia na utilização de medicamentos não prescritos (CRUZ *et al.*, 2019; LIMA *et al.*, 2022).

Ademais, vale destacar que nesse estudo 39,0% dos alunos entrevistados relataram ter usado analgésicos e anti-inflamatórios nos últimos seis meses. Esse resultado converge com outros estudos, os quais demonstraram que a classe dos analgésicos foi a mais utilizada sem prescrição nos últimos 15 dias, com 58% dos entrevistados relatando seu uso (IURAS *et al.*, 2016). À vista disso, esses mesmos resultados confluem com outros estudos, o qual aponta a

prevalência de analgésicos (95,71%) e anti-inflamatórios (85,36%) como as classes mais utilizadas por estudantes de nível superior (LOPES *et al.*, 2014). Esse achado está em consonância com um estudo realizado anteriormente, o qual demonstrou a prevalência do uso de analgésicos, sendo que 51% dos estudantes analisados utilizavam essa classe terapêutica para alívio da dor, seguido de anti-inflamatório não esteroidal (AINES) (10,4%) e anti-histamínicos (10,2%) (LIMA *et al.*, 2022).

Além disso foi verificado que os universitários da área da saúde são os que mais utilizam medicamentos, conforme apontado em pesquisas com entrevistados, sendo a classe dos analgésicos e anti-inflamatórios as mais utilizadas (SILVA *et al.*, 2015). Entre os diversos fatores que influenciam esse consumo, destaca-se o fato destes fármacos pertencerem a classe dos Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP) de fácil acesso no mercado brasileiro, sem necessidade de prescrição médica (BRASIL, 2007). Posto isso, observa-se que a disponibilidades dessas classes medicamentosas sem necessidade de prescrição médica. Essa acessibilidade facilitada permite que os estudantes recorram a esses medicamentos para alívio de sintomas sem a supervisão de um profissional da saúde, o que por sua vez cria um ambiente propício para o uso indiscriminado desses medicamentos (ALVES; MALAFAIA, 2014).

Somado a essa facilidade tem-se uma carência de conhecimento acerca dos efeitos adversos dessas classes, contribuindo ainda mais para o seu uso, que, em quantidades elevadas, podem causar consequências negativas graves (SILVA *et al.*, 2021). Dessa forma, o uso abusivo de analgésicos e AINES podem causar danos à saúde, como, por exemplo, dependência e ocultamento de certas doenças. Acerca disso, com o objetivo de reduzir esses danos, o farmacêutico, profissional de saúde presente nos estabelecimentos responsáveis pela comercialização desses medicamentos, pode prescrever e orientar quanto ao uso racional dos medicamentos e sempre sugerir o encaminhamento para um médico especialista quando necessário (PINTO *et al.*, 2015).

A evidência a respeito de que os alunos dos cursos da área da saúde realizam mais uso de medicamentos de forma indiscriminada do que os alunos de outras áreas obteve maior destaque (WILMANN *et al.*, 2023). Além disso o mesmo autor também evidencia um grande uso das classes dos ansiolíticos e dos antidepressivos, quase 12% da amostra total, enquanto o uso da classe dos psicoestimulantes não foi relatado no estudo. Este estudo está alinhado com outros que também evidenciam uma alta incidência da automedicação no curso de medicina e exibe uma taxa significativa de alunos que utilizam antidepressivos (MARTINEZ *et al.*, 2014).

O perfil de consumo de suplementos alimentares com efeito estimulantes por universitário é pouco pesquisado, tais estudos são feitos em sua maioria com frequentadores de academia. O presente estudo verificou uma baixa utilização desses suplementos (15,6%), resultado diferente de outras pesquisas que evidenciaram a frequência de utilização de 27,2% (POLL e LIMA, 2013). De acordo com Drumond (2018) a cafeína foi o suplemento mais utilizado entre os estudantes, resultado semelhante ao obtido no presente estudo. Segundo a Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte (SBME), a suplementação alimentar deve ficar restrita aos casos especiais, nos quais a eventual utilização deve sempre advir da prescrição dos profissionais capacitados para tal, que, conforme a legislação vigente no país, são os nutricionistas e os médicos especialistas.

Portanto, é importante destacar que as limitações deste trabalho estão diretamente relacionadas ao tipo de estudo, uma vez que ele não estabelece relações de causa e efeito.

O presente estudo apresenta-se muito relevante para a comunidade científica e para a saúde pública, já que foi analisado os padrões de uso de medicamentos e suplementos entre estudantes universitários, o que contribuiu com informações para o desenvolvimento de políticas institucionais e práticas relacionadas a promoção de saúde. Diante disso, com base nos resultados obtidos, sugere-se a inserção de palestras educativas direcionadas aos discentes da universidade, com o intuito de conscientizar e prevenir comportamentos de risco.

7. CONCLUSÃO

Os dados obtidos a partir desse estudo proporcionaram uma análise do uso de medicamentos e suplementos estimulantes, prescritos e não prescritos, por estudantes em uma Universidade particular da cidade de Anápolis. Diante disso, as classes medicamentosas mais utilizadas foram de analgésicos e anti-inflamatórios, com uma notável prevalência de automedicação entre os estudantes da área da saúde. Além disso, a área da saúde apresentou maior utilização das classes de ansiolíticos, psicoestimulantes e antidepressivos. Em relação ao uso de suplementos estimulantes, observou-se que a maioria dos entrevistados não utilizava nenhum dos suplementos analisados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. N., FREITAS, T. C. A., MACHADO, Y. C. Efeitos adversos de longo prazo ao uso de benzodiazepínicos. **Research Society and Development**, v. 11, n. 14, 2022.

ALVES, T. A., MALAFAIA, G. Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás. **ABCS Health Sciencis**, v. 39, n. 3, p. 153-159, 2014.

AQUINO, D.S., BARROS, J. A.C., SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 5, p. 2533-2538, 2010.

Announces Revised Definition of Pain. **INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR THE STUDY OF PAIN (IASP)**. 16 de julho 2020. Disponível em: <<https://www.iasp-pain.org/publications/iasp-news/iasp-announces-revised-definition-of-pain/>>. Acesso em: 29, mai. 2023.

ARAUJO, A. F. L. L., *et al.* Automedicação de psicofármacos entre estudantes universitários de odontologia e medicina. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 7, p. e021037, 2021.

ARBUÉS, E. R., *et al.* Predictors of the Quality of Life of University Students: A Cross-Sectional Study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 19, 2022.

BARBOSA, L. A. O., *et al.* Prevalência e características do uso de fármacos psicoestimulantes para fins de neuroaprimoramento cognitivo entre estudantes de Medicina. **Journal of Multiprofessional Health Research**, 2021.

BATISTA, R. S. C., *et al.* Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de medicina em uma universidade do semiárido brasileiro. **Revista USP**, v. 55, n. 1, 2022.

BEHZADIFAR, M., *et al.* Prevalence of self-medication in university students: systematic review and meta-analysis. **Eastern Mediterranean Health Journal**, v. 26, n. 7, p. 846-857, 2020.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Os perigos do uso inadequado de medicamento**. Brasília: ANVISA, 2007. Disponível em: Acesso em maio de 2023.

CÂNDIDO, G. S., *et al.* Uso de estimulantes do sistema nervoso central por estudantes de saúde do sertão de Pernambuco. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 95, n. 36, 2021.

CARDOSO, J. V., *et al.* Estresse em estudantes universitários: uma abordagem epidemiológica. **Revista de Enfermagem UFPE online**, 2019.

CASTEL, S., PIRES, M. L. N., CALIL, H. M. Uso de antidepressivos e sintomas de interrupção. **Psiquiatria na prática médica**, v. 33, n. 3, 2020.

COSTA, C. A. F., *et al.* Uso indiscriminado dos benzodiazepínicos na sociedade moderna: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of health Review**, v. 3, n. 6, p. 18067-18075, 2020.

CRUZ, E. S., *et al.* Incidência da automedicação entre jovens universitários da área da saúde e de humanas. **Revista Saúde UniToledo**, v. 3, n. 1, p. 2-12, 2019.

DRUMOND, B.P.S. **Consumo de suplementos alimentares em estudantes da Universidade do Porto** [Tese 1º Ciclo em Ciências da Nutrição]. Porto: Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto; 2018.

DUTRA, F. C. S., *et al.* Automedicação no tratamento de sintomas de manifestação de estresse por discentes de uma instituição federal de ensino superior no estado do Ceará. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 17, n. 62, p. 81-89, 2019.

FONTES, S. T. O. **Análise da prática da automedicação entre universitários dos cursos da área da saúde da UFCG-CES, Campus Cuité**. Orientador: Maria Emília da Silva Menezes. 2019. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Bacharelado em Farmácia) – Faculdade de Farmácia, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2019.

FREITAS, P. H. B., *et al.* Perfil de qualidade de vida e saúde mental de estudantes universitários da área da saúde. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 1, 2022.

GAMA, A. S. M., SECOLI, S. R. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, n. 1, 2017.

GHROUZ, A. K., *et al.* Physical activity and sleep quality in relation to mental health among college students. **Sleep Breath**, v. 23, n. 1, p. 627-634, 2019.

IURAS, A., *et al.* Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). **Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial**, v. 57, n. 2, p. 104-111, 2016.

LIMA, P. A. V. *et al.* Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. **Acta Paulista de Enfermagem**, 2022.

LOPES, W. F. L., *et al.* A prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina-PI. **Revista Interdisciplinar**, v. 7, n. 1, p. 17-24, 2014.

LOYOLA FILHO, A. I., *et al.* Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 1, p. 55-62, 2002.

MARTINEZ, J. E., *et al.* Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica – São Paulo. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 54, n. 2, p. 90-94, 2014.

MATIAS, A. G. C., *et al.* Qualidade de vida acadêmica: sono e uso de múltiplos medicamentos. **Bionorte**, v. 10, n. 1, p. 118-126, 2021.

MORGAN, H. L., *et al.* Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 1, p. 102-109, 2017.

NERI, J. V. D., TESTON, A. P. M., ARAÚJO, D. C. M. Uso de ansiolíticos e antidepressivos por acadêmicos da área da saúde: uma revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 75673-75686, 2020.

OLIVEIRA, M. C. T., GUIMARÃES NETO, A. C. Uso indiscriminado de medicamentos psicoestimulantes em estudantes. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 1, p. 1440-1459, 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Classificação internacional de doenças e problemas relacionados à saúde: CID 10. 1996-1997. **Geneva: WHO**; 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). The role of the pharmacist in self-care and self-medication. **Geneva: WHO**; 1998. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/65860/WHO_DAP_98.13.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24, abr. 2023.

PEIXOTO, J. B. **Automedicação no Adulto**. Orientador: Cipriano Costa. 2008. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade Fernando Pessoa, Ponte de Lima, 2008.

PINTO, J.M.M., *et al.* Frequência de cefaleia em funcionários dos hospitais de uma cidade da região oeste do estado de Goiás. **Revista da Faculdade de Montes Belos (FMB)**, v. 8, n. 1, p.1-15, 2015.

POLL, F.A., LIMA, A.P. Consumo de suplementos alimentares por universitários da área da saúde. **Cinergis**, v. 14, n. 1, p. 33-7, 2013.

RANK, V., *et al.* Prevalência de estresse e associação com automedicação e sedentarismo em universitários da área da saúde. **Revista da AMRIGS**, v. 64, n. 1, p. 49-55, 2020.

RIVERA, J. G. B., *et al.* Impacto da automedicação de fármacos benzodiazepínicos. **Brazilian Applied Science Review**, v. 5, n. 4, p. 1767-1780, 2021.

SANTANA, L. C., *et al.* Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes em Instituições de Ensino de Montes Claros/MG. **Revista Brasileira em Educação Médica**, v. 44, n. 1, p. 1-8, 2020.

SANTOS JÚNIOR, A. B., *et al.* Uso abusivo e indiscriminado de benzodiazepínicos por atuantes da área da saúde: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 10, 2022.

SERVIDONI, A. B. *et al.* Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos. **Revista Brasileira Otorrinolaringologista**, v. 72, n. 1, p.83-88, 2006.

SHRESTHA, J. T. M., KUSHWAHA, D. K., TIWARI, S. Study of Self-medication among First and Seventh Semester Medical and Dental Undergraduate Students of Tertiary Care Teaching Hospital in Nepal: A Descriptive Cross-sectional Study. **Journal of Nepal Medical Association**, v. 59, n. 233, p. 55-60, 2021.

- SILVA, L.B., *et al.* Consumo de medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área de saúde da universidade estadual de Londrina. **Revista Espaço para a Saúde**, v. 16, n. 2, p. 27-36, 2015.
- SILVA, V. M. P., *et al.* Perfil epidemiológico do uso de medicamentos entre estudantes universitários. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 10, p. 1-10, 2021.
- SOUZA, M. A., HOELLER, B., GOETZ, E. R. Estudo comparativo da automedicação praticada por estudantes dos cursos das áreas de Ciências da Saúde, Humanas, Exatas e Sociais da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. **Infarma – Ciências Farmacêuticas**, v. 27, n. 2, p. 142-148, 2015.
- TREVISOL, F. S., *et al.* Automedicação em universitários. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 9, n. 6, p. 414-417, 2011.
- WILINSKI, J., *et al.* Non-steroidal anti-inflammatory drugs and paracetamol in self-therapy of various disorders in students of different fields of study. **Folia Médica Cracoviensia**, v. 55, n. 2, p. 49-59, 2015.
- WILLMANN, S. C., *et al.* Self-medication among university students in the area of the health. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 6, p. e1312641814, 2023.
- ZEWDIE, S., ANDARGIE, A., KASSAHUN, H. Self-Medication Practices among Undergraduate University Students in Northeast Ethiopia. **Risk Management and Healthcare Policy**, v. 13, n. 1, p. 1375-1381, 2020.

ANEXOS

1. Comprovante do CEP:



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Análise do uso de medicamentos e suplementos estimulantes, prescritos e não prescritos, por estudantes em uma Universidade particular da cidade de Anápolis-Goiás

Pesquisador: CRISTIANE TEIXEIRA VILHENA BERNARDES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 75479023.0.0000.5076

Instituição Proponente: Universidade Evangélica de Goiás

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.682.271

Apresentação do Projeto:

Em conformidade com o número do parecer: 6.616.544.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral

Verificar a utilização de medicamentos e suplementos estimulantes, prescritos e não prescritos, entre os estudantes de uma Universidade Particular de Anápolis – Goiás.

Objetivos específicos

Identificar as classes medicamentosas mais utilizadas entre os estudantes em até seis meses anteriores ao momento da avaliação;

Comparar as classes medicamentosas mais utilizadas pelos estudantes das áreas de saúde, humanas e exatas;

Avaliar e comparar a prevalência da automedicação entre os universitários de cada área;

Verificar a utilização de medicamentos ansiolíticos, hipnóticos e relaxantes musculares entre estudantes;

Verificar a utilização de suplementos alimentares com efeito estimulante entre os estudantes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em conformidade com o número do parecer: 6.616.544.

Endereço: Av. Universitária, Km 3,5
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 75.083-515
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3310-6736 **Fax:** (62)3310-6636 **E-mail:** cep@unievangelica.edu.br



UNIVERSIDADE EVANGÉLICA
DE GOIÁS - UNIEVANGÉLICA



Continuação do Parecer: 6.682.271

Outros	Termo_de_anuencia_agro.pdf	17/02/2024 17:25:53	Lais de Pádua Diniz	Aceito
Outros	Termo_de_anuencia_psic.pdf	17/02/2024 17:25:00	Lais de Pádua Diniz	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_corrigido.docx	17/02/2024 17:24:01	Lais de Pádua Diniz	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEcorrigido.docx	15/02/2024 20:01:44	Lais de Pádua Diniz	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	15/02/2024 16:58:29	Lais de Pádua Diniz	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaodeComprometimento.pdf	04/11/2023 19:17:00	Lais de Pádua Diniz	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ANAPOLIS, 04 de Março de 2024

Assinado por:
Constanza Thaise Xavier Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Universitária, Km 3,5

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 75.083-515

UF: GO

Município: ANAPOLIS

Telefone: (62)3310-6736

Fax: (62)3310-6636

E-mail: cep@unievangelica.edu.br

2. Panfleto:

VOCÊ SABE AS CONSEQUÊNCIAS E OS EFEITOS COLATERAIS DA AUTOMEDICAÇÃO?

MAS O QUE É AUTOMEDICAÇÃO?

- Caracterizada pelo uso de medicamentos sem prescrição médica.
- Os medicamentos serão utilizados para tratar doenças auto reconhecidas pela pessoa.

E QUAIS SÃO AS CONSEQUÊNCIAS DA AUTOMEDICAÇÃO?

- Iatrogenia
- Dosagem excessiva
- Reações de hipersensibilidade
- Dependência medicamentosa
- Agravamento do quadro clínico

Alguns dos **EFEITOS COLATERAIS**

ANTIMICROBIANOS:

- Resistência bacteriana

ANTI-INFLAMATÓRIOS:

- Hemorragias Digestivas

ANSIOLÍTICOS:

- Declínio da função cognitiva
- Alterações Psicomotoras
- Perda da memória
- Agitação

ANTI-INFLAMATÓRIOS:

- Perturbações Gastrointestinais
- Insônia
- Ataques de pânico
- Delírio
- Arritmias cardíacas
- Agitação
- Agressividade

PSICOSTIMULANTES:

- Câimbras
- Insuficiência Renal e hepática
- Depedência
- Taquicardia
- Desidratação

APÊNDICES**1. Questionário:****QUESTIONÁRIO****1. Idade:**

_____ anos.

2. Sexo: Feminino. Masculino.**3. Estado Civil:** Solteiro. Casado. Viúvo. Divorciado.**4. Curso:** Medicina. Odontologia. Direito.
 Psicologia. Engenharia De Software. Agronomia.**5. Período:** 1° 2° 3° 4° 5° 6°
 7° 8° 9° 10° 11° 12°**6. Turno:** Matutino. Noturno. Integral.**Considerando os ÚLTIMOS SEIS MESES, responda as seguintes perguntas:****7. Você utilizou medicamentos sem receita médica nesse tempo?** Sim. Não.**Se sim, responda as questões 8 a 15.****8. A automedicação foi influenciada por:**

- Familiar ou amigo;
- Prescrições anteriores;
- Profissional de saúde (não médico);
- Publicidade (TV, Internet);
- Tinha em casa sem prescrição médica;
- Outros: _____

9. Para qual finalidade?

- Dor de cabeça;
- Dor muscular;
- Ansiedade;
- Sono;

- Depressão;
- Concentração;
- Febre;
- Alergia;
- Resfriado/Gripe;
- Outros (Especificar): _____

10. Qual medicamento foi utilizado?

—

11. Qual foi a frequência de uso do medicamento?

- 1-5 vezes, por semana;
- 6-10 vezes, por semana;
- Mais de 10 vezes, por semana.

12. Seguiu as instruções da bula?

- Sim. Não.

13. Se não seguiu a orientação da bula, em que se baseou para utilizar a medicação?

- Costume, uso crônico (consultou uma vez, resolveu o problema e continuou o uso);
- Acredito ter conhecimento teórico para me automedicar;
- Todos meus familiares usam e sei que resolve meu problema.

14. Ocorre o aparecimento de algum(s) sintoma(s) indesejável quando utiliza o(s) medicamento(s)?

- Sim.
- Não

Se sim, quais sintomas indesejáveis e com a utilização de qual medicamento?

—

15. Você acha que a automedicação pode trazer algum dano à sua saúde?

- Sim. Não.

16. Faz o uso de alguma medicação prescrita?

- Sim. Não.

17. Se sim, qual medicação? _____

18. Para qual finalidade?

- Dor de cabeça;
- Dor muscular;
- Ansiedade;
- Sono;
- Depressão;
- Concentração;
- Febre;
- Alergia;
- Resfriado/ gripe;
- Outros (especificar): _____

19. Faz o uso de suplementos para os estudos?

- Sim. Não.

20. Se sim, quem indicou?

- Familiar;
- Amigo;
- Profissional da área de saúde;
- Vendedor;
- Auto prescrição.

21. Qual suplementação você utiliza?

- Cafeína;
- Energético;
- Pó de guaraná;
- Complexo vitamínico;
- Outros: _____

22. Com que frequência utiliza o suplemento?

- Diariamente;
- 5 - 15 vezes, por semana;
- 16 - 25 vezes, por semana;
- Mais de 25 vezes, por semana.